

coleção  
poesia  
viva

4 POEMAS  
BRASILEIROS

HORÁCIO COSTA

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO



4 POEMAS  
BRASILEIROS

HORÁCIO COSTA

## NOTA

Os quatro poemas que seguem são inéditos e pertencem, os dois primeiros, a dois livros também inéditos: "Rumo a Aquiléia" a *Ciclópico Olho*, que reúne a minha produção entre 1996 e 2003, época em que regressei ao Brasil depois de duas décadas vividas no exterior; o segundo, "Lendo o jornal, 1º de outubro de 2009", a *Bernini*, manuscrito que terminei no ano passado e que reúne minha produção posterior a 2008, ano de publicação de *Ravenalas*; os dois últimos foram escritos no presente ano, em duas viagens que fiz recentemente. Seleccionei-os porque representam, a meu ver, exemplares de uma escrita minha com preocupações de levantamento da fâcies do Brasil atual, de topografia tão elusiva quanto multívoca, porém sempre em mim.

*H. C.*

Osasco, 4 de abril de 2011

## RUMO A AQUILÉIA

*Come from the holy fire  
And be the singing masters of my soul.*

**Yeats, *Sailing to Byzantium***

A José Saramago, *in memoriam*

O dia está mesmo encoberto.  
Entre ruídos de telefones  
celulares, eis-me enfim  
a caminho de Aquiléia.

Veneza não mais interessa  
e por sucumbir não termina.  
Sobre canais, pontes, museus,  
os habitantes, seus *manteaux*.

Os palácios iluminados  
e os restaurantes lotados.  
Constroem um novo Bucintoro  
para a sanha dos turistas.

Por isso, rumo a Aquiléia.  
Lá não sou amigo do rei  
mas é ao velho Diocleciano  
a quem hoje visitarei.

Sua viúva, sua filha,  
de princesas passaram a  
mendigas. Sobre a História,  
que dirá o fantasma cesáreo?

Que seja em latim, tanto faz.  
De sua congelada Panônia  
o vulto do Imperador  
algo útil me sussurrará.

Não penso em brocados, nem quero  
púrpuras. Nos filmes estão  
as tiaras de ametistas. Doo  
aos poetas fáceis, efeitos.

Mas vim de tão longe, sou um  
brasileiro. Posso ao tetrarca  
exigir o real, o que é vero,  
a substância, e ponto final.

Que não revele, que só confirme,  
é suficiente. Que é da História?  
E, dois mil anos depois, que gosto  
lhe guarda o seu tanto poder?

Vilipendiadas, pelo Império  
vagaram as suas princesas.  
Uma vez destilada a ira,  
Diocleciano, hoje, sabe.

Ou deve saber. Que me traga  
a sua conclusão ou se cale.  
A ele já não voltarei:  
a Aquiléia se vai uma vez.

Que não esmiúce os fardos  
da glória e da santidade;  
poupe-me quem com olhar  
galvanizava os legionários.

Que confesse ao visitante  
a sua moral milenar.  
Divo! conjuro-te a afirmar  
que há um sentido, um destino.

Eis-me então frente a Aquiléia.  
Já sei o que há por encontrar:  
mosaicos, restos arqueológicos.  
Patriarcas, gestas de hunos.

E que escapa à voz que míngua?  
Suores. Pactos. Traições.  
Ah, que não lamente a desdita  
das pobres princesas reais.

Mas se o eco vier de Ausônio,  
quem descreveu Aquiléia  
à sombra dos últimos Césares,  
celebrarei entre as ruínas.

Se for de Ausônio a voz,  
que atento eu permaneça.  
Que ele me conte o que queira:  
não sei o que o poeta dirá.

**Aquiléia, Itália, 5 XII 98**

## LENDO O JORNAL, 1º DE OUTUBRO DE 2009

Sue, a Tyrannosaurus Rex, morreu de dor de garganta, afirma um dinossaurista em Wisconsin, e não das mordidas de outros dinossauros. Irtiersenu, a múmia egípcia por décadas olvidada numa gaveta do Museu Britânico, não morreu de câncer de ovário, como até há pouco se pensava: terá tido sete filhos e seu aparelho reprodutor de dois mil e seiscentos anos está intacto. O bacilo de Koch atravessou o caminho entre ela e seus netos. Até agora não se havia confirmado a existência da tuberculose no Antigo Egito nem a do parasita *trychomonas gallinae* no período cretáceo. A ação de censura contra *O Estado de S. Paulo* promovida pelo filho do Excelentíssimo Senador pelo Amapá José Sarney, defensor perpétuo de sua numerosa prole, há sessenta e dois dias vigente, foi mandada para o Tribunal de

Justiça do Estado do Maranhão. O do Distrito Federal considerou-se incompetente para julgá-la. Quatrocentos é o número de bilhões de dólares americanos que o presidente da Petrobras considera necessários para que se proceda à exploração do petróleo no pré-sal.

A tiranossauro Sue.  
A múmia Irtiersenu.  
A família Sarney.  
O pré-sal.  
Tenho companhia animada agora que me sento à mesa para mais uma edição do meu café da manhã.

São Paulo, 1º de outubro de 2009

## MEDITAÇÃO SOBRE O CARNAVAL NO LAGO DA NICARÁGUA

*... ao cheiro desta canela,  
O Reino nos despvoa.*

**Sá de Miranda**

Acompanho o cortejo até o lago.  
Começou no começo da tarde  
na frente da Iglesia de La Merced.  
Os grupos carnavalescos de Granada,  
convocados pelo Festival de Poesia de Granada,  
iam chegando, ao som de estrondosos  
instrumentos. Não muitos participantes:  
os suficientes, em duas dezenas de blocos.  
Do alto do "poetamóvel" o mestre de cerimônias  
os ordenava, os de frente dos bairros de Granada,  
os grupos de trás das aldeias indígenas  
das terras entre os vulcões.  
De uma charrete enfeitada com guirlandas,  
puxada por cavalos também enfeitados por guirlandas,  
os poetas homenageados, Francisco de Assis,  
quem teve um AVC há alguns meses,  
e Claribel, quem há pouco perdeu o marido  
com quem esteve casada por cinquenta anos,  
e detrás da charrete branca e colorida,  
o coche fúnebre, negro, com um ataúde  
também negro e coroas de flores no interior  
e nas laterais, contratado para o espetáculo  
de enterro da tristeza *y de los dolores del mundo*,  
que é o objeto deste carnaval.

A cada esquina, sobem três poetas de várias origens  
ao poetamóvel e leem em suas línguas  
e alguém lhes segue, em tradução.  
Como brasileiro e, daí, consideram,  
especialista em carnaval desde o berço,  
sou escalado logo na primeira parada:

leio "O Fragmentista" de *O livro dos fracta*,  
escrito há mais de vinte anos no México.  
Visto do pódio florido do poetamóvel,  
o mundo colonial de Granada  
é um confluir de festões:  
dirijo-me aos foliões em espanhol  
e chego a objetivar o que descobria:  
que o festival de poesia feita folia  
amplia o meu conceito de carnaval.  
Será o que querem ouvir, imagino:  
mas não é a eles, que previsivelmente me aplaudem,  
a quem me dirijo, mas no meio da confusão  
é a mim mesmo que falo:

Diante desta versão menor  
da festa que tudo transgride,  
diante desta escala para nós esquecida  
a mim me pergunto  
sobre o que perdemos, nós brasileiros,  
agora que nossa história parece cumprir-se.

Não sou saudosista nem amo o passado  
pelo simples fato de sê-lo e  
filho do Brasil,  
sequer o reverencio.  
Por que deveria, se o futuro é nossa matéria  
e nosso *motto*? Não inventou Zweig  
o nosso pendor futurante e Brasília  
por acaso não deu-se.  
Mas aqui me afloram dúvidas  
ao longo do desfile: este é o mundo em pequeno,

enterram as suas mágoas os poetas e o povo  
do qual são parte, as suas também,  
com eles e por sua condução e conduta.  
Existe então este pacto, e dele  
agora sou parte: não espectador  
frente ao aparelho de televisão  
ou ao vivo, em algum sambódromo  
do Oiapoque ao Chuí, nem poeta  
que lê no metropolitano espaço  
da Casa das Rosas e ensina poesia e cânone  
em suas aulas na USP.

A cada esquina para o ritmo  
e sobem poetas ao pódio e leem seus poemas,  
a judia poeta e a palestina poeta,  
o alemão ou o francês ou o americano poeta  
e os poetas dos Camarões e do Malauí  
e os chineses da China e de Taiwan,  
os da vanguarda e os da tradição,  
os que leem como os seus avós  
e os que fazem poesia sonora  
para os ouvidos de seus netos:  
trazemos todos no semblante  
euforia, estupefação  
e não serei o único a pensar  
nos quesitos de escala e verdade  
quando se trata de falar  
a quem brinca lá embaixo  
e te escuta e assim te refuta.

Certo, tudo está envolvido numa retórica  
que me remete a um tempo por mim não vivido,  
quando minha mãe não se havia casado ainda  
e todos os fevereiros havia corso na Paulista  
e ensinar latim no interior em escola pública,  
como seu tio Hélio em Presidente Prudente,  
era digno de respeito e sustentava família.

Sim, vamos correndo, não às margens de algum lago  
Nicarágua ou Paranoá, com a lua cheia como patrona  
como acontece neste preciso momento,  
mas ao assento na ONU e a nos sabermos potência,  
a BOVESPA que tudo ancora como um dos bolsos do mundo  
e a termos o mais seguro e fantástico,  
para banqueiros que gritam quando cagam,  
sistema bancário do Ocidente, e a construirmos  
não só plataformas no meio do mar  
e submarinos atômicos e jatos de caça.

Sim, convertemo-nos no irmão grande do mundo latino,  
o mais poderoso país hispânico do orbe,  
embora os que falam espanhol não o saibam  
e não saibamos nós que somos hispânicos.  
Mas, que faremos com esse poder  
que – teremos de fato ou é só desejo, exalação?  
e se fato for, valerá a pena tê-lo  
se já não pouco perdemos no intento de consegui-lo,  
que dirá em seu exercício  
se algum dia for pleno?

*Les jeux sont faits*, no entanto.

Chegam os foliões à beira do lago e eu com eles,  
pulando. E sobe o bicho mau da comparação  
dentro de mim: isto não é bateria que se apresente,  
meu chapa, estas fantasias são só arremedos  
e os dois carros alegóricos, se se puderem considerar  
como tais charrete e coche fúnebre/festivo,  
trazem já os festões completamente murchos,  
em resumo: estão verdes as uvas,  
sussurra-me a velha raposa  
avidamente aos ouvidos.

No entanto, no entanto  
nunca pensei como antes  
e tão dolorosamente como agora,  
enquanto trato de expurgar-me da dor de senti-lo  
num carnaval que enterra tristezas  
*y los dolores del mundo,*  
no que perdemos como povo:  
sim, como nação,  
para alçar nossa húbris em ordem  
até no reino maravilhoso  
de nosso carnaval-indústria  
em prol de nosso imperioso progresso.

**Granada, Nicarágua, 16 II 011**

## **INHOTIM**

quem ainda tem lágrimas  
para chorar de beleza?  
as há tantas para carpir  
agora que sou homem

mas de beleza quem sobe  
ao êxtase do olhar  
e conduz esses cantos  
das lágrimas?

o som profundo do  
lacrimário da terra  
quem ainda tempo tem  
para ouvir

e a morada da entidade  
no imo da mata  
quem se serve a  
verter em água salgada?

parece que o mundo procura  
a identidade da palma  
que saúda em Inhotim  
o céu puro de Minas

**Belo Horizonte 27 III 011**

#### **SOBRE O AUTOR**

Horácio Costa, poeta, tradutor e ensaísta, nasceu em São Paulo (SP), em 1954. Graduiu-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1978), realizou o mestrado em Artes – New York University (1983) –, em Filosofia – Yale University (1986) – e concluiu doutorado em Filosofia (PhD) – Yale University (1994). Morou 20 anos fora do Brasil, fixando residência em diversos países: EUA, Espanha, Portugal e México, onde foi professor titular da Universidad Nacional Autónoma de México-UNAM. Retornou ao Brasil em 2001. Atualmente é professor-doutor da Universidade de São Paulo. Seu estudo *José Saramago: o período formativo* foi publicado em Lisboa (Caminho, 1997) e no México (FCE, 2004). Publicou, entre outros livros, *28 Poemas/6 Contos* (1981), *Satori* (1989), *O Livro dos Fracta* (1990), *The Very Short Stories* (1991), *O Menino e o Travesseiro* (1998), *Quadragesimo* (1999), *Fracta* (2005), *Ravenalas* (2008), entre outros títulos. É autor também do volume de ensaios *Mar Abierto* (1999) e de antologias com traduções de poetas latino-americanos, como Gorostiza e Octavio Paz. Recebeu prêmio da APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte), em 1992, pela organização do encontro internacional que gerou o livro *A Palavra Poética na América Latina*. Foi membro do júri de vários prêmios internacionais e foi presidente do júri do Prêmio Octavio Paz de Poesia e Ensaio. Foi, também, presidente da ABEH – Associação Brasileira de Estudos de Homocultura – no biênio 2006-2008.

**Prefeitura de São Paulo** Gilberto Kassab  
**Secretaria de Cultura** Carlos Augusto Calil

**Centro Cultural São Paulo | Direção** Ricardo Resende **Divisão Administrativa** Gilberto Labor e equipe **Divisão de Curadoria e Programação** Alexandra Itacarambi e equipe **Divisão de Acervo, Documentação e Conservação** Isis Baldini e equipe **Divisão de Bibliotecas** Waltemir Jango Belli Nalles e equipe **Divisão de Produção e Apoio a Eventos** Luciana Mantovani e equipe **Divisão de Informação e Comunicação** Durval Lara e equipe **Divisão de Ação Cultural e Educativa** Alexandra Itacarambi e equipe **Coordenação Técnica de Projetos** Yone Sassa e equipe

**25 Poemas escolhidos pelo autor | Coleção Poesia Viva Autor** Armando Freitas Filho **Coordenação Editorial** Claudio Daniel (Curador de Literatura do CCSP) **Conselho Editorial** Heloísa Buarque de Hollanda, Leda Tenório da Mota, Maria Esther Maciel, Antônio Vicente Seraphim Pietroforte e Luiz Costa Lima **Projeto Gráfico CCSP** Adriane Bertini **Impressão** Gráfica do CCSP

**COLEÇÃO POESIA VIVA**

**distribuição:** gratuita, no CCSP e nas bibliotecas municipais

**tiragem:** 500 exemplares

**São Paulo, 2011**

**isbn: 978-85-86196-36-2**



[WWW.CENTROCULTURAL.SP.GOV.BR](http://WWW.CENTROCULTURAL.SP.GOV.BR)  
R. Vergueiro, 1000 / CEP 01504-000  
Paraíso / São Paulo SP  
11 3397 4002  
[ccspl@prefeitura.sp.gov.br](mailto:ccspl@prefeitura.sp.gov.br)